

PAUL STRATHERN

SÓCRATES

.....
em 90 minutos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FILÓSOFOS
em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 Minutos
Bertrand Russell em 90 Minutos
Confúcio em 90 Minutos
Derrida em 90 Minutos
Descartes em 90 Minutos
Foucault em 90 Minutos
Hegel em 90 Minutos
Hume em 90 Minutos
Kant em 90 Minutos
Kierkegaard em 90 Minutos
Leibniz em 90 Minutos
Locke em 90 Minutos
Maquiavel em 90 Minutos
Marx em 90 Minutos
Nietzsche em 90 Minutos
Platão em 90 Minutos
Santo Agostinho em 90 Minutos
São Tomás de Aquino em 90 Minutos
Sartre em 90 Minutos
Schopenhauer em 90 Minutos
Sócrates em 90 Minutos
Spinoza em 90 Minutos
Wittgenstein em 90 Minutos

SÓCRATES

(469 a.C. - 399 a.C.)

em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Cláudio Somogyi

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio



SUMÁRIO



Introdução

Vida e obra

Posfácio

Algumas observações atribuídas a Sócrates

Cronologia de datas significativas da filosofia

Cronologia da vida de Sócrates

Cronologia da época de Sócrates

Leituras sugeridas

Índice remissivo

Sobre o autor

INTRODUÇÃO

• • • • •

No começo era o mundo, e apesar de quase nada sabermos a seu respeito conseguimos sobreviver. O primeiro filósofo foi o intrigado Neolítico que, pela primeira vez, questionou esse estado de coisas. O que acontecia na Terra? Qual o sentido de tudo aquilo?

Durante milênios nenhuma das respostas a que chegamos eram filosofia. Elas brotavam da superstição, das lendas e da religião. Os primeiros que chegaram a respostas filosóficas – ou seja, que fizeram uso da razão e da observação, livres do fetichismo metafísico – foram os antigos gregos no século VI a.C. O motivo pelo qual passo tão decisivo na evolução humana se deu nessa época à beira dos sombrios rochedos do mar Egeu permanece um mistério. Os chineses e babilônios, além dos antigos egípcios, eram mais evoluídos naquele período, suas civilizações mais vastas e poderosas. Tinham também tecnologia superior e um conhecimento muito mais profundo de matemática. As complexidades da fabricação da seda, a construção de pirâmides e a capacidade de prever eclipses estavam bastante além das aptidões gregas e, se comparada às sofisticações teológicas das religiões dos chineses, babilônios e egípcios, a antiga coleção grega de mitos primitivos narrando o comportamento dos deuses no Olimpo poderia ser confundida com uma hilariante comédia. Esta era a característica da religião em seu estágio de formação (somente com sua maturidade a religião passaria a incluir o sacrifício humano).

Mas é justamente nesse estado primário de coisas que pode se encontrar a chave do mistério, ao menos em parte. Se assim não fosse, o espantoso florescimento da cultura grega – que ainda é reconhecida como o marco fundamental da cultura ocidental –

poderia jamais ter ocorrido. Na religião superficial dos gregos não havia espaço para a especulação teológica ou intelectual. Antes deles, o questionamento intelectual esteve sempre associado à religião – permitindo a infiltração da metafísica e da superstição nos processos da razão e da observação. A astronomia dos babilônios foi contaminada pela astrologia; a matemática egípcia impregnada de superstição religiosa. Quando os antigos gregos começaram o questionamento intelectual estavam livres desse lastro, seus pensamentos voavam alto, livres no mundo real.

Talvez como resultado dessa liberdade, o desenvolvimento da cultura grega se deu com surpreendente rapidez. Por exemplo, a tragédia grega evoluiu de um ritual religioso primitivo e rígido para uma sofisticada dramaturgia (formalmente pouco alterada até os dias de hoje) no espaço de uma *única geração*. Da mesma forma a filosofia teve início por volta de meados do século VI a.C., mas já no final do século seguinte produzia Platão, a quem muitos ainda consideram seu expoente máximo. O avanço da Grécia antiga durante o século V a.C. permanece qualitativamente sem par até os dias de hoje. E somente o século XX o ultrapassa em termos de mudança quantitativa.

Tales de Mileto, um grego antigo da Ásia Menor, é geralmente reconhecido como o primeiro filósofo. Sabe-se que já praticava sua profissão em 585 a.C., quando ficou famoso ao prever um eclipse do Sol ocorrido naquele ano. (Este conhecimento ele provavelmente adquiriu de fontes babilônias.) Tales é apontado como o filósofo inaugural por ter sido o primeiro a arriscar uma explicação do mundo em termos de sua natureza observável, em lugar de apelar à mitologia. Isto significava que suas conclusões podiam ser submetidas a uma argumentação racional, ou seja, à consideração sobre se estavam certas ou erradas. Segundo a tese principal da filosofia de Tales, tudo era derivado essencialmente da água. Dessa forma, com seus erros, estabeleceu o caminho de toda a filosofia posterior.

Depois de Tales, a filosofia passou a evoluir com rapidez. Foi surgindo um número cada vez maior de filósofos com uma enorme

variedade de explicações para o mundo. Ele não era feito de água, mas de fogo – e depois de ar, ou partículas de luz, e assim por diante. Os filósofos desse período (meados do séc. VI a.C. até a metade do séc. V a.C.) são geralmente conhecidos como pré-socráticos. Em geral, restaram apenas fragmentos de suas filosofias – tanto dos escritos originais quanto de referências em outras fontes. Apesar disso, muitos nomes são ainda conhecidos. Pitágoras – famoso pelo teorema matemático que na verdade não foi ele quem descobriu – reconheceu a importância que têm os números para a música (a harmonia é relacionada a coeficientes numéricos). Isso o levou a crer que o mundo era essencialmente composto de números. Essa teoria não é tão insensata quanto pode parecer à primeira vista. Einstein, por exemplo, certamente acreditava que o universo podia ser explicado por meio de fórmulas matemáticas. Os cientistas modernos podem não acreditar que o mundo seja feito de números, mas os números possuem um papel fundamental na descrição e definição de quarks e quasares. Outro filósofo anterior a Sócrates e que antecipou a ciência moderna foi Demócrito, que acreditava ser o mundo composto de átomos (isso ocorreu mais de dois mil anos antes que os cientistas chegassem à mesma conclusão).

Anaxágoras foi o primeiro filósofo ateniense, embora tenha-se quase como certo que na realidade era um estrangeiro trazido da Jônia (Ásia Menor) por Péricles com o intuito de aprimorar a educação em Atenas. Ele reverteu a tendência que se tinha de considerar o mundo como feito de uma única substância, afirmando, ao contrário, que ele consistia em um número infinito de substâncias. Realmente, tudo continha um pouco de tudo. Como resultado dessa miscelânea viu-se forçado a afirmar que mesmo as plantas possuíam mente própria, que a neve era parcialmente negra e que a água continha elementos de aridez. Apesar de tais anomalias disfarçadas em idéias, Anaxágoras é importante. Foi ele quem trouxe a filosofia para Atenas, e foi também o homem que iniciou Sócrates na filosofia: foi seu professor.

Segundo um relato, Anaxágoras também ensinou a Péricles, que se tornou a grande força política responsável pelo período áureo de Atenas (por volta de 445 a.C. até 430 a.C.). Este período testemunhou a construção do Partenon, o auge da tragédia grega, a escultura de Fídias (cujo Zeus tornou-se uma das sete maravilhas do mundo antigo) e o surgimento da filosofia clássica com Sócrates. Não se sabe o quanto Anaxágoras influenciou Péricles (ou mesmo se chegou a ter alguma influência sobre ele). O que se sabe é que afirmava que o Sol era uma enorme rocha incandescente e a Lua feita de terra. Por expressar idéias como essas (ironicamente as únicas que se aproximavam da verdade), Anaxágoras foi perseguido por heresia e exilado de Atenas. Esta foi a primeira evidência real da seriedade que atingira a filosofia. Tornara-se perigosa.

Anaxágoras foi quem primeiro demonstrou essas lições a Sócrates – que a filosofia era tão séria quanto perigosa. Como teremos a oportunidade de constatar, Sócrates decidiu ignorá-las. Por ignorar a primeira lição, tornou-se um dos mais cativantes dentre todos os filósofos. Por ignorar a segunda encontrou a morte.

Com apenas um século de existência a filosofia atingia seu auge. Isto se deve a três dos maiores filósofos que o mundo conheceu. O primeiro foi o idiossincrático Sócrates, que passava tanto tempo falando de filosofia nas ruas de Atenas que jamais chegou a escrever coisa alguma. Tudo o que sabemos de seus ensinamentos vem da obra de seu famoso discípulo Platão, e é geralmente difícil determinar quais idéias eram as suas e quais as de seu mentor.

Sócrates desenvolveu um método de argumentação agressivamente negativo, chamado dialética (o precursor da lógica). Ele o empregava na conversação para interromper a tagarelice de seus adversários e chegar à verdade. Platão capturou o espírito dessas conversações em seus clássicos diálogos. O estilo de vida e a abordagem mais ortodoxa de Platão trariam um elemento fundamental para a respeitabilidade da filosofia. Entretanto ele persistiu na tradição filosófica da

interpretação equivocada. Platão acreditava que o mundo real era feito de idéias e que o mundo que vemos e experimentamos consiste apenas em sombras. Apesar desta visão irreal, muitos pensadores acreditam que tudo o que a filosofia reuniu desde então não passa de um mero adendo aos escritos de Platão. Apesar do exagero, foi certamente Platão o primeiro a formular claramente muitos dos problemas filosóficos básicos que nos atormentam até hoje.

O terceiro membro deste triunvirato foi Aristóteles, um discípulo de Platão. O erudito Aristóteles rejeitava radicalmente a maneira pela qual seu mestre tentava tornar a filosofia interessante apresentando-a sob a forma de diálogos. Escreveu inúmeros tratados, muitos dos quais extraviados por seus ingratos seguidores. As regras de pensamento e classificação elaboradas por Aristóteles serviram como base para a maior parte do pensamento filosófico e científico nos dois milênios que se seguiram. Somente nos últimos séculos começamos a avaliar *como* Aristóteles havia se enganado. Ele parecia acreditar que todas as explicações abrangentes estariam inevitavelmente fadadas ao erro no final – mas isso não o impedia de continuar buscando por uma.

Sem a filosofia, que surgiu na Grécia antiga e durante séculos conservou um caráter eminentemente grego, não seríamos o que somos hoje. Não teríamos a ciência, e a busca da verdade certamente estaria imersa em fantasia ou dominada por algum capricho – assim como acontece nas chamadas ciências políticas, na psicologia e na economia, por exemplo. Até mesmo a ética continua nesse triste estado apesar dos persistentes esforços de filósofos e teólogos através dos tempos. Na atualidade não somos nem um pouco melhores, do ponto de vista moral, do que éramos há mais de dois mil anos e nem sequer sabemos o que fazer.

Os filósofos levaram vinte e cinco séculos errando para concluírem finalmente que não se tratava disso. Eles agora acreditam que a simples prática da filosofia é o que interessa. Dessa forma a filosofia tornou-se uma atividade, como provar vinho ou sonegar impostos, com efeitos ambíguos semelhantes

sobre o praticante. Pela primeira vez na história, a tentativa de alguém criar uma filosofia própria tornava-se redundante. A tradição de Platão, Kant, Ehrensvard e Wittgenstein chegava ao fim. Essa tradição da razão e da observação, que cativou algumas dos espíritos mais nobres que o mundo conheceu, atingiu primeiramente a maturidade com Sócrates.

VIDA E OBRA

• • • • •

Sócrates nasceu em 469 a.C., num vilarejo localizado nas planícies do monte Licabeto, a uns vinte minutos de Atenas. Seu pai era escultor e a mãe parteira. O jovem Sócrates começou como aprendiz do pai; segundo a tradição, trabalhou nas *Três musas em seus hábitos* que adornavam a Acrópole. Mais tarde foi enviado para estudar com Anaxágoras.

Sócrates prosseguiu seus estudos com o filósofo Arquelaus, "por quem era amado no pior sentido", segundo Diógenes Laércio, biógrafo do terceiro século da era cristã. Na Grécia antiga, como ainda hoje em grande parte da região Mediterrânea oriental, a homossexualidade era bastante aceitável. Somente com o advento do cristianismo passou a existir uma atitude heterodoxa limitada em substituição a uma prática sexual de natureza tão ortodoxa. Desse modo, enquanto Anaxágoras era forçado a exilar-se de Atenas em defesa da própria vida por ensinar a seus alunos que o Sol era uma estrela radiante, Arquelaus permanecia livre para manter mais que uma relação intelectual com seus alunos.

Com Arquelaus, Sócrates estudou matemática e astronomia, além dos ensinamentos dos filósofos anteriores. A filosofia era uma ciência nova, com apenas um século de existência, podendo ser considerada a física nuclear da época. De fato, o universo da filosofia (que consistia inteiramente em água, depois em fogo, depois em pontos de luz e assim por diante) mantinha uma relação com o mundo real bastante semelhante à que tem hoje o universo da moderna física nuclear com a realidade do nosso cotidiano. Nem sequer nos passa pela cabeça que nossos encontros com os mésons possa ser a coisa mais importante de nossa existência diária, e não faltam motivos para se acreditar que

os antigos gregos adotavam uma atitude igualmente *blasé* em relação às mais recentes revelações da época de que o seu mundo era na verdade um aquário repleto de peixinhos dourados, uma fornalha, ou uma exibição de fogos de artifício.

Sócrates logo compreendeu que tais especulações a respeito da natureza do mundo não traziam benefício algum para a humanidade. Para um pensador ostensivamente apoiado na razão, Sócrates era curiosamente anticientífico. Neste ponto é bastante provável que tenha sido influenciado por um dos mais importantes filósofos pré-socráticos, Parmênides de Eléia. Diz-se que, em sua juventude, Sócrates encontrou-se muitas vezes com o ancião Parmênides, "com quem muito aprendeu". Parmênides solucionou o conflito entre aqueles que acreditavam ser o mundo feito de uma única substância (como água ou fogo) e os que, como Anaxágoras, defendiam que ele consistia em uma grande variedade de substâncias. Superou esse conflito simplesmente ignorando-o. Segundo Parmênides, o mundo como o conhecemos não passa de mera ilusão. Não importa de quantas coisas pensamos que é feito, porque ele não existe. A verdade única consiste no Ser eterno, que é infinito, imutável e indivisível. Para este Ser não existe passado nem futuro. Ele inclui todo o universo e tudo o que nele possa acontecer. "Tudo é um," era o princípio fundamental de Parmênides. A constante multiplicidade que somos capazes de observar é tão somente a *aparência* desse Ser estático, onipresente. Tal atitude em relação ao mundo não traz nenhum benefício para a ciência. Por que então deveríamos nos preocupar com as transformações do mundo se não passam de mera ilusão?

Naqueles primeiros anos a filosofia era tida como o estudo global do conhecimento. (Em grego, filósofo significa "amante da sabedoria".) A matemática, a ciência e a cosmologia não existiam *como tais*; durante séculos foram consideradas parte da filosofia. Ainda no século XVII Newton denominou sua obra mais importante acerca da gravidade e do funcionamento do universo, *Philosophicae naturalis principia mathematica* (*Princípios*

matemáticos da filosofia natural). Muitos séculos se passaram antes que a filosofia viesse a ser considerada por muitos como o estudo de questões metafísicas, e portanto insolúveis. Sempre que a filosofia encontrava a verdadeira resposta a uma indagação, deixava de ser filosofia para transformar-se em outra coisa qualquer – uma matéria distinta como matemática ou física. A psiquiatria é geralmente considerada o mais recente exemplo desse processo, reivindicando as respostas de inúmeras questões e posicionando-se imediatamente como ciência independente. (De fato, ela não preenche os requisitos filosóficos de uma ciência, que exige um conjunto de princípios que possam ser comprovados por experimentação – requisitos insatisfatórios perante as incertezas geradas pela paranóia, a inutilidade dos tratamentos psicanalíticos para a demência e outras formas de distúrbios psicopáticos.)

Na época de Sócrates todo esse campo era evidentemente parte da filosofia (e os filósofos considerados popularmente pelos cidadãos de Atenas de maneira muito parecida com a que a sociedade contemporânea considera os psiquiatras). A atitude de Sócrates em relação à filosofia foi certamente de caráter psicológico, no sentido original da palavra (em grego, psicologia significa “o estudo da mente”). Ele, porém, não foi um cientista. A influência de Parmênides se fazia aqui presente. A realidade era uma ilusão. Esta concepção teve efeito negativo em Sócrates e em seu sucessor, Platão. Durante o período em que viveram, alguns avanços significativos foram feitos na matemática, mas somente por ser considerada atemporal e abstrata, e por isso concebida como um tipo de canal ligado à realidade definitiva do Ser. Felizmente, o sucessor deles, Aristóteles, tinha uma atitude diferente acerca do mundo. Ele se tornou, sob diversos aspectos, o fundador da ciência e reconduziu a filosofia à realidade. Entretanto a atitude anti-científica que se propagou com Sócrates iria promover a incredulidade que reinaria por séculos na filosofia.

Em grande parte devido à atitude anticientífica de Sócrates, as poucas mentes científicas mais privilegiadas da Grécia antiga trabalharam fora do campo filosófico. Arquimedes (na física),

Hipócrates (na medicina) e até certo ponto Euclides (na geometria) procuraram se distanciar da filosofia e portanto de qualquer tradição do conhecimento e da argumentação. Os antigos cientistas gregos sabiam que a Terra era redonda, que girava em torno do Sol e chegaram mesmo a calcular sua circunferência. Tinham conhecimento da eletricidade e de que a Terra possuía um campo magnético. Fora da “sabedoria universal” da filosofia, tais fragmentos concretos do conhecimento ficavam isolados sob a aura da esquisitice. Devemos muito a Sócrates por ter situado a filosofia sobre as bases sólidas da razão. No entanto, o fato de a filosofia ter chegado à maturidade sob a égide de uma mente anticientífica deve ser compreendido como um dos grandes infortúnios do desenvolvimento intelectual humano. É difícil demonstrar adequadamente as conseqüências desse desperdício. A energia mental gasta na Idade Média para se calcular quantos anjos caberiam na cabeça de um alfinete bem poderia ter sido empregada no estudo da teoria dos átomos, postulada inicialmente por Demócrito.

Em vez de questionar o mundo, Sócrates preferia acreditar que faríamos muito melhor questionando primeiramente a nós mesmos, tendo adotado a célebre máxima “*Gnothi seauton*” – Conhece-te a ti mesmo. (Este ditado é algumas vezes erroneamente atribuído a Sócrates. Na verdade, pode ter sido divulgado pelo primeiro de todos os filósofos, Tales; sabe-se também que estava inscrito no Oráculo de Delfos.)

Sócrates começou expondo sua filosofia na Ágora, o centro comercial da antiga Atenas, cujas ruínas são ainda visíveis para além da Acrópole. Ali, o ponto favorito de Sócrates era o Pórtico de Zeus Eleutério, uma área sombreada com barraquinhas de mercadorias. As fundações de pedra desse pórtico são ainda claramente visíveis. Cortadas na extremidade norte pela movimentada linha do metrô que liga Atenas ao Pireu e além de uma cerca de arame próxima, a tranqüilidade das ruínas é perturbada pelo clamor da multidão, a música alta, os gritos dos barraqueiros do mercado de pulgas de Monastiraki. A cena não deve ser muito diferente da que ocorria nos dias de Sócrates.

Podemos imaginá-lo conduzindo seus debates filosóficos em meio aos camelôs da Antigüidade, às pechinchas, às canções folclóricas e o berreiro dos vendedores de amendoim. Mesmo em tal ambiente, de tanta confusão, muita gente deve ter parado para ouvir com atenção o que ele tinha a dizer. E o jovem Sócrates sem dúvida mexeu com a cidade de Atenas, visto que por volta de seus trinta anos o Oráculo de Delfos o escolheu como o mais sábio dos homens.

Sócrates achava difícil acreditar nisso, e sustentava dissimuladamente, como era de seu costume, a idéia de que “Eu nada sei exceto o fato de minha própria ignorância”. Com o intuito de descobrir se havia mesmo alguma verdade nas palavras do oráculo, Sócrates decidiu questionar todos os sábios de Atenas para descobrir o que eles sabiam. Era um consumado mestre em expor teses erradas e falsas. Assumiria em princípio que nada sabia e pediria a seu adversário que expusesse precisamente tudo o que soubesse. Durante as explicações, Sócrates ia demolindo as teses de seus oponentes com perguntas mordazes. Não foi à toa que se tornou conhecido como o “moscardo de Atenas”. Seu método de questionamento, porém, era muito mais profundo do que parecia à primeira vista. Sócrates procurava sempre esclarecer os debates a partir de princípios básicos, o que significava definir os conceitos fundamentais que seu adversário adotava, expondo suas incoerências e principalmente analisando as conseqüências de suas idéias. Sócrates, porém, era também bastante mordaz diante do absurdo e da burrice e muitas vezes não era capaz de conter-se, fazendo do adversário objeto de ridículo. Ele deve ter sido um oponente tremendamente provocador no campo da argumentação – astuto, brilhante e trapaceiro. Sem dúvida essa característica de metido a sabe-tudo lhe rendeu um bom número de inimigos, garantindo-lhe por outro lado grande popularidade entre a juventude iconoclasta da época.

Não demorou muito para que Sócrates demonstrasse, para satisfação própria, que os chamados sábios de Atenas de fato de nada sabiam – exatamente como ele. Portanto concluiu que o

Oráculo de Delfos estava correto: ele *era* o mais sábio dos homens – porque *sabia* que nada sabia.

Sócrates pode ter sido racional e iconoclasta em sua abordagem, mas de certa forma não deixou de ser uma criatura típica de sua época. Apesar dos gracejos, parecia acreditar que o Oráculo de Delfos falava com a voz dos deuses. Também tinha a firme convicção de que “a alma é imortal e imperecível, e que após a morte nossas almas continuam a existir em outro mundo”. Embora na maioria das vezes evitasse tratar das reverências supersticiosas aos deuses e da ladainha de sua mitologia, ele certamente acreditava na existência de um Deus de algum tipo. O motivo que dava era que “todos acreditavam num deus de algum tipo” – um motivo curioso vindo de alguém que passou toda a vida tentando desiludir as pessoas acerca dos procedimentos errôneos do pensamento.

A filosofia de Sócrates, no entanto, não era apenas voltada para os procedimentos do pensamento e o método analítico. Ela também deslanchou um grande número de propostas positivas, o que pressupõe que teve de provar do seu próprio remédio quando se fez necessário. No *Fédon*, diálogo de Platão, a personagem Sócrates apresenta uma “Teoria das Formas”. Muitos a consideram uma teoria do próprio Platão, que apenas a expõe pela boca de Sócrates. Mas quando Platão escreveu o *Fédon* todas as outras personagens que aparecem neste diálogo ainda estavam vivas. Pode-se portanto supor que, a menos que Platão tencionasse passar grande parte de seu tempo nos tribunais, os pontos de vista apresentados por essas personagens mostram o que elas realmente pensavam. Assim sendo, é provável que tenham sido discutidos diretamente com o próprio Sócrates. Tendo se baseado tanto em fatos reais para seus diálogos, parece improvável que Platão introduzisse um Sócrates fictício defendendo idéias que nunca tivera. Platão também reafirma por diversas vezes que Sócrates “freqüentemente debatia acerca desses valores”. Apesar de todas essas evidências, a Teoria das Formas é geralmente atribuída a Platão.

Tudo isso vem mostrar a dificuldade para se atribuir *alguma coisa* a alguém que não deixa nada escrito (talvez uma razão por que tantos de nós inteligentemente adotam esse estratagema). Uma coisa é certa a respeito da Teoria das Formas: nem Sócrates nem Platão foram os primeiros a concebê-la. O crédito é geralmente atribuído a Pitágoras. Conforme já dissemos, os estudos de Pitágoras sobre a harmonia musical levaram-no a crer que o mundo era essencialmente feito de números. A concepção que Pitágoras fazia dos números, porém, era em diversos aspectos semelhante à nossa noção de forma. Para ele, essas abstrações (números, formas) eram a realidade final, as imutáveis idéias abstratas a partir das quais eram gerados todos os elementos concretos do mundo. (Evidentemente, esse conceito reflete também a idéia de Parmênides segundo a qual a realidade fundamental consiste no Ser, a entidade definitiva, que dá origem aos elementos isolados de nosso mundo ilusório.)

No *Fédon*, Sócrates descreve a natureza do mundo das formas (ou números, ou idéias. A palavra grega por ele usada é *eidos*. Esta é a raiz genérica da palavra idéia, que pode também ser traduzida por forma ou figura – onde a noção de número e forma realmente se fundem). Segundo Sócrates, o mundo das formas não é acessível aos nossos sentidos, somente ao pensamento. Podemos pensar em idéias como “esfericidade” ou “vermelhidão”, porém não as percebemos. Só percebemos uma bola vermelha. Isso é criado em função das idéias de vermelhidão, esfericidade, elasticidade e assim por diante. Mas de que maneira isso acontece? De acordo com Sócrates, objetos específicos recebem suas características por “participarem” das idéias que os produziram. Uma forma de mostrar esse conceito é usando a imagem de uma peça de gesso sendo tirada de um molde. As formas abstratas, ou idéias, são como um molde, determinando no objeto sua forma, tamanho e outras características.

O mundo das formas é o único mundo real, e é universal. É o mundo definitivo do qual participam todas as coisas. Esse mundo das formas encerra uma hierarquia que atinge seu grau máximo nos mais puros conceitos universais como o Bem, a Beleza e a

Verdade. As qualidades de bondade, beleza e verdade que conseguimos perceber em objetos específicos nos permitem contemplar essas idéias universais em seu reino abstrato. Esta é uma atitude mística para com o mundo. Reflete o pensamento hindu, de onde pode ter se originado – onde o mundo é visto como o véu ilusório de Maya, que para o homem bom é transparente. Para Sócrates, essas idéias universais são consideradas superiores ao mundo que nos torna consciente delas.

Felizmente, um sistema de pensamento assim tão confuso, que despreza a particularidade do mundo que habitamos, não é inteiramente inexato. Ao apontar os números como sinônimos dessas idéias mais elevadas, o estudo dos números adquire uma importância superior. Assim era a matemática na concepção dos gregos, uma atividade iluminada, embora somente em sua forma pura. O cálculo da soma dos ângulos de um polígono era totalmente aceitável; já determinar o número de baldes necessários para encher um tanque de água era completamente indigno. Podia ser *prático* – isto é, ter sido útil no mundo sujo de minúcias em que somos forçados a viver. Essa atitude, inevitavelmente, coloca a ciência além do que é considerado razoável. Tal atitude persistiria no decorrer de toda a cultura ocidental, e elementos desse comportamento podem ser detectados ainda hoje.

Sócrates cresceu durante a época de Péricles, quando Atenas era a mais poderosa e civilizada cidade-estado do mundo helênico. Os avanços que lá ocorreram influenciaram todo o curso do desenvolvimento humano. Além de seus monumentos mais concretos, essa época também testemunhou o florescimento da democracia, assim como a consolidação do genuíno pensamento científico e matemático. E a figura de Sócrates marcou o início da maturidade da filosofia.

O período de relativa paz que marcou a época de Péricles terminou com a eclosão da Guerra do Peloponesio em 431 a.C. Essa luta desastrosa entre o quase democrático império naval de Atenas contra Esparta, militarista e preconceituosa, prolongou-se

por mais de um quarto de século. A guerra e suas repercussões políticas exerceram influência decisiva na vida de Sócrates. É sempre bom lembrar que o que agora nos parece aborrecidamente óbvio e normal em sua filosofia foi concebido numa atmosfera impregnada por fanatismo, intolerância e medo. A busca de Sócrates pela verdade interior desenrolou-se numa época de valores e certezas transitórios cujo clima moral não é difícil de imaginar.

Com a eclosão da Guerra do Peloponeso, Sócrates foi convocado para servir como hoplita (soldado de terceira classe, com escudo e espada). Existem diversas narrativas conflitantes sobre sua pessoa, mas algo em que todos parecem concordar é quanto à sua aparência. Sócrates era um dos homens mais feios de Atenas. Tinha as pernas finas e tortas, era barrigudo, de ombros e pescoço hirsutos e careca (diziam que tinha a cuca "elegante"). Era famoso também pelo nariz grande, curto e achatado, os olhos saltados e os lábios protuberantes.

Sócrates não só se parecia com um filósofo como também se vestia como tal. Fosse inverno ou verão, trajava invariavelmente a mesma túnica surrada, coberta por um manto puído que lhe batia na cintura. Andava sempre descalço. Nas palavras de seu colega, Antífon o Sofista, "um escravo obrigado a viver daquela maneira teria feito de tudo para fugir". Apesar de tudo isso, Sócrates foi aparentemente um bom soldado em batalha.

Intelectuais dogmáticos e feios geralmente não são populares entre os soldados. Sócrates, porém, era tão excêntrico que naturalmente deixava intrigado seus companheiros de pelotão. Participou do cerco de Potidéia no norte da Grécia, onde o inverno é muito frio quando os cortantes ventos polares descem assoviando das montanhas búlgaras. Durante o inverno, os exércitos gregos comparavam-se a uma colcha de retalhos, todos enrolados nos mais diversos tipos de peles com tiras de feltro amarradas em volta dos pés – uma imagem bem distante dos ágeis adolescentes nus representados nos vasos gregos, lutando com postura atlética. Os companheiros de Sócrates ficavam

admirados quando ele se perfilava descalço no gelo e na neve, vestindo apenas sua túnica maltrapilha e o manto esburacado.

Porém o que mais intrigava seus companheiros era sua atitude quando estava "pensando". Segundo Alcibíades, que participou ao lado de Sócrates da campanha de Potidéia, certo dia o filósofo acordou cedo e pôs-se a meditar sobre um problema particularmente difícil. Seus colegas observaram-no durante horas enquanto permanecia em posição contemplativa numa clareira próxima, inteiramente alheio ao mundo. Ainda se encontrava lá na hora do jantar. A essa altura um número maior de compatriotas ficou tão intrigado que alguns decidiram dormir fora das tendas, somente para ver por quanto tempo Sócrates agüentaria ficar naquele estado. Ele continuou pensando a noite toda até o amanhecer. Saiu então da imobilidade, fez uma oração para o dia que nascia e voltou a cuidar de seus afazeres como se nada tivesse acontecido.

Esta é apenas uma das inúmeras histórias que revelam a capacidade de Sócrates de mergulhar em transe profundo, o que instigou um sem número de historiadores a suspeitar de que sofria de alguma forma de catalepsia. Juntando outros depoimentos segundo os quais ele escutava "vozes", poderíamos chegar mesmo a duvidar de sua sanidade mental. Outra saraivada de relatos sobre o filósofo, no entanto, retrata seu extremo equilíbrio e sensatez. Realmente, sua filosofia parece às vezes ir pouco além de uma brilhante aplicação de bom senso, temperado com uma pitada de irônica esperteza nativa.

Mas o homem que mergulhava em transe profundos enquanto todos ao seu redor enfrentavam os rigores da monotonia militar era também capaz de realizar atos de grande bravura quando a ocasião se apresentava. De acordo com Alcibíades, em certa ocasião Sócrates, vendo-o caído e ferido em meio a uma batalha, carregou-o nos ombros por entre uma massa de soldados inimigos armados, salvando sua vida.

Platão relata como o jovem Alcibíades, certa vez, apaixonou-se por Sócrates. Isso é difícil de imaginar, a menos que Alcibíades sofresse de algum problema de visão, embora nada conste a esse

respeito. Nas palavras do próprio Alcibíades: “Quando ouvi sua voz, meu coração bateu como se eu estivesse em êxtase religioso.” Estas palavras soam como as de um jovem suscetível arrebatado pela sabedoria de Sócrates. Mas não é. Em uma passagem muito apreciada pelos eruditos clássicos (e muito censurada por seus mestres), Alcibíades descreve de que forma tentou seduzir Sócrates.

Primeiro, Alcibíades encontrou uma forma de passar um dia inteiro a sós com Sócrates, na esperança de que a conversa pudesse em algum momento desviar-se para os “assuntos que um amante normalmente troca com seu querido quando estão a sós”. Sócrates, porém, persistiu na filosofia. Na segunda vez Alcibíades convidou-o para acompanhá-lo ao ginásio, onde poderiam treinar juntos. Naqueles dias, a maioria das atividades atléticas era praticada sem roupa; por isso Alcibíades deve ter pensado que as coisas estavam melhorando quando Sócrates aceitou o convite. Pode-se ter uma idéia de como ficou o mestre Sócrates, de pernas finas e tortas, barriga saliente e cabeça lisa, totalmente despido e pronto para a ação no ginásio. Aparentemente desiludido com aquela visão romanticamente grotesca, Alcibíades ainda conseguiu convencê-lo a participar de uma disputa de luta greco-romana em um momento em que não havia ninguém presente. Mais uma vez nada aconteceu.

Alcibíades, por fim, decidiu convidar Sócrates para jantar em sua casa e embebedá-lo. Não conseguiu deixá-lo bêbado (ninguém jamais o conseguira, não importando a quantidade de álcool que ele bebesse), mas acabou retendo-o até tão tarde que Sócrates se viu obrigado a passar a noite ali. E, nas palavras de Alcibíades (segundo relato de Platão): “Ele então finalmente se deitou no lugar que escolheu para jantar, bem ao lado do meu, e só havíamos nós dois na sala.” Na penumbra, Alcibíades deitou-se ao lado de Sócrates passando um braço ao seu redor. Sócrates, porém, não demonstrou nenhum desejo e acabaram dormindo nos braços um do outro “como irmãos”. Pelos costumes da época, a capacidade de Sócrates em resistir às investidas de um jovem bem

apessoado como Alcibíades era considerada um esforço quase sobre-humano.

Sócrates não era um asceta. Tanto sua aparência como outras evidências históricas apontam o inverso. Sua vida, porém, não era fácil. Estava constantemente sem dinheiro porque se recusava a trabalhar. Insistia em dedicar todo o tempo à missão que lhe fora confiada por Deus: demonstrar aos cidadãos de Atenas a dimensão de sua ignorância. Entretanto parece ter recebido um legado mínimo do pai e era bem cuidado pelos amigos influentes que o convidavam com bastante frequência para jantar. Sócrates era, evidentemente, um convidado extremamente interessante nas festas e jantares. Gostava de ficar conversando até o amanhecer e tinha a capacidade de beber mais que qualquer um. Esses banquetes festivos eram geralmente uma atividade exclusivamente masculina, mas não eram reuniões homossexuais. Hetairas (cortesãs) participavam algumas vezes e Sócrates parecia apreciar tudo o que viesse espontânea e gratuitamente além da comida e da bebida.

Segundo Diógenes Laércio, Sócrates passava grande parte do tempo lecionando para grupos de jovens através de conversas informais. As aulas eram ministradas na loja de um certo Simão o Sapateiro, em frente ao marco da Ágora. Nos limites da Ágora pode-se ainda ver o Horos, com a inscrição "Eu sou o marco da Ágora", que se ergue ao lado do muro de uma pequena moradia antiga. Escavações recentes ao longo deste muro revelaram um grande número de pregos de solas de botas, e uma taça do século v a.C. com o nome Simão nela inscrito. Milagrosamente, tinham descoberto exatamente a loja onde Sócrates ensinava.

Alguns anos atrás, quando estive em Atenas, fui visitar esse local. Medindo sua área descobri que não passava de um quadrado com apenas três passos de largura. Deve ter sido um lugar bem apertado, com Simão batendo com o martelo ao fundo e um freguês ocasional entrando e saindo. Ensinar sob tais circunstâncias exige espirituosidade e capacidade de manter o interesse de uma audiência, duas características que os filósofos

parecem ter perdido há muito tempo. Sócrates tinha o talento de um ator e qualquer provocação maldosa que fizessem a seu respeito era por ele transformada em piada. Ele ainda permanece como o grande comediante alternativo da filosofia.

O que exatamente ensinava Sócrates nessas aulas? Uma de suas observações mais evocadas é "A vida que não é examinada não vale a pena ser vivida". Esta é tipicamente a atitude de um intelectual com tempo disponível. As cidades-estados gregas foram provavelmente as primeiras sociedades que produziram algo parecido com uma classe média intelectual com certo grau de independência (devido à democracia) e outro de ociosidade (graças à escravidão). Os gregos tiveram tempo livre para pensar em benefício próprio e chegar às suas próprias conclusões. Uma idéia original de qualquer tipo brota da ociosidade – um fato geralmente não percebido pelas convictas e diligentes mediocridades.

Sócrates acreditava que o eu verdadeiro de uma pessoa era a alma (psique). Filósofos anteriores já haviam declarado que a alma era o eterno "sopro da vida" em nós, "dormindo enquanto o corpo está ativo mas despertando quando o corpo dorme" – uma espécie de subconsciente imortal, não muito diferente da atual doutrina junguiana. Sócrates via a alma numa esfera muito mais ampla, como a personalidade *consciente*: uma entidade que pode ser julgada inteligente ou estúpida, boa ou má – isto é, algo pelo qual somos moralmente responsáveis. Ele acreditava que devíamos tornar nossa alma a melhor possível, a fim de fazê-la como Deus.

Mas por quê? Sócrates argumentava que todas as pessoas procuram a felicidade. Se são capazes de obtê-la ou não, depende do estado de suas almas. Somente as almas boas alcançam a felicidade. O motivo pelo qual as pessoas não são boas é serem atraídas para coisas que parecem boas, mas na verdade nada possuem de bom. Se apenas soubéssemos o que é verdadeiramente bom, sempre nos comportaríamos de maneira adequada. Desse modo não existiria conflito, dentro de nós ou na sociedade. Provavelmente só um filósofo seria tão ingênuo a

ponto de acreditar nisso. Podemos dizer que todos convivemos com uma obscura noção ainda não examinada do bem. Porém, logo que começamos a examiná-lo, reduzindo-o a particularidades práticas, descobrimos que discordamos – tanto individual como socialmente. Seria bom passar o tempo pensando em filosofia? Seria bom negar o direito de voto às mulheres?

Os gregos viviam em pequenas cidades-estados, uma situação que estimulava o consenso. Atenas, a mais poderosa das cidades-estados gregas, tinha uma população masculina adulta livre de 42.000 indivíduos durante esse período. Os gregos também pregavam a moderação (outro aforismo inscrito no Oráculo de Delfos era: “Nada em excesso”). A idéia que Sócrates fazia do “bem” seria essencialmente um produto das circunstâncias e da época. A população total de Atenas nesse período – incluindo mulheres, crianças, estrangeiros e escravos – girava provavelmente em torno de 250.000. Se grande parcela de Atenas, privada dos direitos civis, acreditava que era infeliz por causa do mau estado de suas almas, isso já é um outro assunto.

Aos cinqüenta anos de idade, Sócrates casou-se com Xantipa. A versão chauvinista descreve Xantipa como uma víbora, porém a vida com Sócrates não devia de maneira alguma ser fácil. Pode-se imaginar o que era viver com alguém que passava os dias discutindo nas ruas sem jamais ganhar um tostão, que chegava em casa a qualquer hora do dia ou da noite depois de ficar bebendo com os amigos (ainda por cima sem dinheiro) e que, como todos os filósofos, era objeto do ridículo público por toda a vizinhança. (Na coleção de piadas contemporâneas atenienses, quase a quarta parte pinta o filósofo como o otário tradicional.)

Xantipa é considerada a única pessoa que foi capaz de superar Sócrates em uma argumentação. Entretanto, como geralmente acontece em relacionamentos tempestuosos como esse, as evidências demonstram que Sócrates e Xantipa eram muito unidos. Ela lhe deu três filhos, dos quais nenhum parece ter aprendido muito com o pai. (De acordo com todos os relatos, eles tiveram vidas normais.) Apesar dos resmungos e das admoestações ao comportamento do marido, Xantipa parece ter

sido inteiramente consciente de que era casada com um ser humano excepcional. Esteve fielmente a seu lado durante todos os períodos de necessidade e ficou profundamente abalada quando de sua morte.

Aos sessenta e cinco anos, Sócrates finalmente viu o término da Guerra do Peloponeso com uma derrota humilhante para Atenas. O vitorioso líder espartano Lisandro partiu para o Pireu a fim de supervisionar a implantação de um governo fiel a Esparta, e empossou os Trinta Tiranos. Seguiu-se um período de terror com prisões sumárias, julgamentos e confiscos de propriedades dos oponentes políticos. Muitos dos que eram favoráveis ao sistema democrático partiram de Atenas. Sócrates, porém, permaneceu. Apesar de seu individualismo indomável, não era um democrata. A democracia como forma de governo encontrava-se ainda em estágio primário e era capaz de crassos excessos e absoluta incompetência. Em Atenas, até os generais eram eleitos por voto popular – e esse método mostrou-se menos eficaz que o atual, de recrutá-los entre os oficiais do exército. Os democratas eram acusados por muitos de terem sido os responsáveis pelas conseqüências desastrosas da guerra, que colocara Atenas de joelhos diante do inimigo. Sócrates, no entanto, atacava a democracia em bases filosóficas coerentes com a ética de sua teoria. Afirmava que as pessoas em sua grande maioria permaneciam almas infelizes, alheias ao que era verdadeiramente bom. Por isso eram passíveis de eleger líderes que também faziam uma idéia errada do que fosse bom. Esta concepção – de existir somente uma bondade última que somente poderia ser descoberta através de sua filosofia – iria levá-lo a navegar por águas perigosas. Quando Platão mais tarde desenvolveu essas idéias em sua utópica *República*, a sociedade em que vivia era um pesadelo. Assim como Platão (e Sócrates), tanto os soviéticos quanto os nazistas acreditavam que só existia um bem último, que apenas sua própria filosofia poderia alcançar.

Um dos líderes dos Trinta Tiranos foi Crítias, antigo aluno de Sócrates. Crítias, porém, mostrou logo de início que tinha deixado para trás as tolices da juventude, tais como a educação. Não que

houvesse se esquecido de Sócrates, longe disso. Quando Crítias determinou a proibição do ensino de filosofia nas ruas de Atenas, visava especificamente a Sócrates. Sabia muito bem como seu ex-professor era capaz de distorcer o sentido das palavras em benefício próprio, e não estava disposto a perder tempo com esse tipo de aborrecimento. A atividade exercida por Sócrates, não importa se filosofia ou que nome tivesse, estava expressamente proibida.

Alguns viram na decisão de Sócrates em permanecer na cidade uma prova de sua subserviência às leis dos Tiranos. Mas durante o estado de virtual guerra civil que se seguiu, Sócrates deixou bem claro que não era seu desejo participar de política alguma – insistia em permanecer um homem de princípios.

Entretanto, na Atenas do século v a.C., era praticamente impossível não participar da política (a menos que se fosse mulher ou escravo). Os Tiranos tinham plena consciência da antipatia que geravam e gostavam de responsabilizar o maior número de pessoas por seu reinado de terror a fim de dissimular a culpa. Como um bem conhecido homem de princípios, Sócrates era sério candidato. Certo dia, junto com outros quatro homens, foi convocado pelos Tiranos e recebeu ordens para comandar uma delegação até a ilha de Salamina e prender Leão, um dos líderes da oposição democrática. Essa prisão seria ilegal e Leão certamente assassinado assim que pusesse os pés em Atenas. Sem dar importância às conseqüências, Sócrates ignorou as ordens e simplesmente voltou para casa. Tal decisão poderia ter-lhe custado a vida, não fosse uma série de acontecimentos imprevistos: Crítias foi morto e os Trinta Tiranos depostos pouco tempo depois.

Os Tiranos foram substituídos pelos democratas, que por sua vez também queriam Sócrates a distância. Mas para cicatrizar as feridas da guerra civil foi concedida uma anistia geral e Sócrates foi salvo. Ou ao menos era o que parecia; no ano de 399 a.C. ele foi preso sob a acusação de heresia e corrupção de jovens. O homem por trás das manobras era um líder democrata chamado

Anito, que nutria um antigo ressentimento contra Sócrates. Muitos anos antes o filho de Anito fora aluno de Sócrates e acabou persuadido pelo professor de que seria de muito maior proveito viver a "vida filosófica" que trabalhar no curtume de sua família.

As acusações contra Sócrates eram obviamente falsas, mas envolviam a pena de morte. Esta parecia uma medida um tanto exagerada. Sócrates era certamente impopular, como todo intelectual que defende causas impopulares em nome de princípios. Mas a pena de morte? Para um homem com setenta anos de idade? O mistério permanece acerca dessas acusações e dos procedimentos subseqüentes, e nos parece improvável que sejam um dia inteiramente explicados. Digo mistério e não segredo, pois é bastante óbvio que todos em Atenas sabiam do que se tratava.

Sócrates enfrentou um julgamento diante de quinhentos membros do conselho de jurados, escolhidos por sorteio entre os homens livres de Atenas. O processo contra Sócrates foi conduzido por Meleto, que nada mais era que um dos testas-de-ferro de Anito. Meleto foi um jovem autor frustrado de tragédia grega que tinha cabelos longos, barba rala e o nariz adunco. Usava um tom sarcástico e cortante na voz, um adversário bem à altura do velho e artiloso Sócrates.

Meleto atuou como promotor no processo, terminando com um pedido de pena de morte para Sócrates.

Dependia agora exclusivamente do acusado defender-se. Sócrates parece não ter percebido a gravidade da situação e começou a discursar no tribunal como se estivesse discutindo filosofia com seus discípulos.

Alguns dos jurados ficaram maravilhados, porém não a maioria. No final a decisão foi contrária a Sócrates: 280 a 220 em favor da condenação.

Mais uma vez só dependia dele apresentar um recurso pedindo a redução da pena e novamente não levou a sério o veredito. As acusações de que estava sendo vítima eram ridículas. Acrescentou que em vez da punição deveria na verdade ser reverenciado por tudo o que já fizera pela cidade. Em vez de tal condenação

merecia que lhe garantissem um lugar no Pritaneu, o local sagrado onde os heróis atenienses eram lembrados.

Alvoroço no tribunal.

Diante desse ultrage, Sócrates recuou. Ofereceu pagar uma multa, compatível com suas posses. Sugeriu a quantia irrisória de uma mina (suficiente para comprar uma jarra de vinho).

Mais tumulto no tribunal. Os amigos de Sócrates agora imploravam para que ele recobrasse o juízo. Relutante, Sócrates propôs então que em lugar da pena de morte deveria ser multado em trinta minas.

Dessa vez foi demais para o corpo de jurados. Apresentaram um veredito de 360 a 140 em favor da condenação.

Parece haver mais que simples traços de teimosia na atitude de Sócrates diante de tudo isso. Teria acreditado seriamente que o tribunal “reconheceria o seu valor” e o absolveria? Ou estaria determinado a morrer? (Bastaria sugerir uma sentença de exílio e o tribunal certamente o atenderia; exilado, seria facilmente sustentado pelos amigos.) Talvez até abrigasse um desejo inconsciente de martírio.

Sócrates deveria ser levado e a sentença executada imediatamente após o julgamento. Porém, na véspera, o barco sagrado partira em sua viagem anual para a ilha de Delos, a mais de 160 quilômetros de Atenas, singrando o Egeu. Não eram permitidas execuções até seu retorno. Sócrates foi, por isso, algemado e conduzido à prisão do Estado.

Pode-se ainda perceber a configuração exata dessa prisão a cerca de cem metros das ruínas da Ágora, numa área deserta coberta por pedras e marcas de antigas fundações. A cela e a sala de banho onde Sócrates ficou confinado ficavam logo à direita de quem entrava, e foi ali que recebeu os amigos em seus últimos dias de vida. Naquele insignificante pedaço de chão (um quadrado com seis passos de largura) ocorreram as cenas descritas por Platão nos seus melhores diálogos, obras-primas da literatura antiga grega comparáveis a Homero e às tragédias.

O herói desses diálogos mantém a altivez o tempo todo – absolutamente humano, sábio, devastadoramente admirável,

muito à maneira como gostaria de ser lembrado. Aproveitando uma oportunidade, seu amigo Críton lhe propõe um plano de fuga, contando que subornara os guardas. Sócrates, porém, jamais concordaria. Seria contrário a tudo em que acreditava. Tinha inabalável crença nos preceitos da lei, mesmo quando estava errada.

Finalmente chegam as notícias de que o barco sagrado foi avistado contornando o cabo Súnio. Logo estaria em Atenas. Os amigos de Sócrates e sua esposa, Xantipa, reúnem-se em sua cela. Sócrates pede a Xantipa que se retire, pois detesta demonstrações emotivas. Ao cruzar a porta, Xantipa ainda protesta: "Mas você é inocente!"

Com seu humor característico, Sócrates responde: "E você preferiria que eu fosse culpado?"

Sócrates discute com os amigos (discípulos seria uma qualificação melhor nesse estágio) a natureza da morte e da imortalidade. Tudo é narrado nos mínimos detalhes por Platão, mesmo sem ter estado presente. (Nesse dia em particular, Platão passou o dia acamado, com febre.) Em seguida lhe é entregue a taça com o veneno da cicuta (Atenas adotava uma forma de execução "faça-você-mesmo"). Autêntico até o fim, Sócrates se mostra ingênuo, indagando: "Qual a forma correta de se fazer isso?"

"Apenas beba", responde o guarda. "Depois comece a andar até sentir as pernas fracas. Então, deite-se e o veneno fará o resto."

"Posso oferecer uma libação aos deuses?"

"Não. Beba tudo ou poderá ser pouco para o veneno agir adequadamente."

Sócrates bebe o conteúdo de um só gole.

Seus amigos já não conseguem disfarçar a dor e começam a chorar compulsivamente.

Sócrates os adverte: "Controlem-se. Não ordenei que Xantipa se retirasse para evitar esse tipo de cena?"

Ele se deita e seu corpo é lentamente tomado pelo torpor.

“Lembre-se, Críton, eu devo um galo a Esculápio”, são suas últimas palavras.

E o moscardo de Atenas estava morto.

As últimas palavras de Sócrates, segundo relato de Platão, carregam a aura da autenticidade. Até porque não é exatamente claro o seu significado. Aqui podemos estar absolutamente certos de que a verdade triunfou sobre a literatura (mesmo que Platão fosse obrigado a confiar nos testemunhos de seus amigos).

As últimas palavras de Sócrates foram, inevitavelmente, sujeitas a diversas interpretações. A mais óbvia é que Sócrates simplesmente devia uma galinha a algum amigo chamado Esculápio e desejava deixar quitado o seu débito. Entretanto isso seria por demais banal na concepção de muitos eruditos. Além de ser um nome bastante comum, Esculápio era também o deus da medicina e da cura. (Era geralmente representado andando com um cajado enlaçado por uma serpente: origem do tradicional emblema da medicina.) Alguns sugerem que suas últimas palavras significam que ele desejava que as contas com seu médico fossem pagas. Outros apresentam uma explicação metafísica mais elaborada. Uma leitura alternativa das últimas palavras de Sócrates diz: “Críton, devemos sacrificar um galo a Esculápio. Cuide disso e não se esqueça.” Dizia-se que entre os poderes de Esculápio incluía-se a capacidade de curar a alma de uma pessoa dos males deste mundo, preparando-a para o próximo. Por isso a oferenda de uma galinha por Sócrates bem poderia traduzir a esperança de uma jornada a salvo para sua alma até o próximo mundo. Seria compatível com sua crença na imortalidade da alma. Conforme Sócrates explicou a seus amigos, antes de ingerir a cicuta: “Somente aqueles que viveram uma vida funesta têm esperanças de que a morte seja o fim de tudo. Isto é perfeitamente compreensível, pois é de seu interesse que assim seja. No entanto, estou convencido de que as almas dos iníquos vagueiam desoladas pelo mundo subterrâneo do Tártaro. Somente aqueles que viveram vidas boas serão admitidos no Mundo Real.” Sócrates era homem o suficiente (e filósofo o suficiente) para

admitir um elemento de incerteza nesta questão. Antes de ingerir a cicuta, comentou com os amigos: “Chegou a hora de seguirmos caminhos diferentes: eu, o da morte; vocês, o da vida. Qual deles é o melhor somente Deus sabe.”

Poucos dias após sua morte o povo de Atenas percebeu a dimensão do erro que havia cometido. Foi declarado um período de luto por Sócrates. Os ginásios, teatros e escolas foram fechados. Meleto foi condenado à morte e Anito banido. Mais tarde uma estátua em bronze de Sócrates, esculpida por Lisipo, foi inaugurada na Aléia Sagrada – um local onde hoje os desempregados se reúnem, sob a sombra do mais famoso protagonista de sua cidade.

Tudo isso é muito nobre e parece ter tido reflexo positivo sobre os cidadãos de Atenas. No entanto, só me faz crer que Sócrates não passava de um brinquedo num contexto político de raízes bem mais profundas. No fim de tudo, Sócrates, como de costume, venceu as resistências – ou não estaríamos hoje lendo a seu respeito.

POSFÁCIO

• • • • •

O imponderável Sócrates

Nosso conhecimento sobre Sócrates emana de duas fontes principais – Platão e Xenofonte, ambos seus discípulos. Platão seguiu seus ensinamentos e tornou-se filósofo, registrando sua obra em seus magistrais diálogos, onde Sócrates ocupa lugar de destaque. Xenofonte, por sua vez, tornou-se um soldado cuja carreira militar foi um desastre tão grande que acabou se dedicando à arte de escrever. Um de seus trabalhos mais conhecidos é a *Memorabilia*, que faz uma descrição de Sócrates.

Infelizmente, essas duas fontes de autenticidade comprovada fornecem descrições bastante divergentes de Sócrates, e só raramente coincidem. Xenofonte era conservador por natureza e sentia-se ultrajado por seu velho mestre ter sido condenado por corromper a juventude de Atenas. Sua abordagem de conotação defensiva em favor de Sócrates contém grande riqueza de detalhes anedóticos, porém muito pouco conteúdo filosófico. Com efeito, em muitas passagens Sócrates sequer é citado como filósofo. Em um dos diálogos de Xenofonte, *Oeconomicus*, Sócrates aparece como um personagem especialista em jardinagem. E freqüentemente, em sua *Memorabilia*, as idéias de Sócrates são tão maçantes e sem originalidade que seria difícil compreender o porquê de tanta polêmica em torno de seu nome. Tal homem jamais teria sido perseguido por pregar idéias subversivas, muito menos revelar-se-ia um grande filósofo.

Xenofonte podia ser estúpido o bastante para não absorver as idéias de Sócrates, mas também dá a impressão de que não teria

capacidade criativa de forjar um retrato imaginário do seu mestre que não correspondesse à pura realidade. Por este motivo, muitos admitem o retrato que Xenofonte apresenta de Sócrates. Bertrand Russell rebate energicamente essa atitude: “A narrativa de um homem estúpido sobre o que diz um homem inteligente jamais é confiável, porque ele inconscientemente traduz o que ouve em algo que seja capaz entender.”

A descrição de Sócrates por Platão, ao contrário, é feita de maneira extremamente inteligente. O Sócrates que aparece nos diálogos é um retrato literário magistral. Apresenta-nos uma personalidade soberba, porém mais que isso, uma verdadeira obra de arte – havendo suspeitas até de uma possível “melhoria” do homem original (“melhoria” no sentido artístico mais que no moral – o Sócrates retratado por Platão não era nenhum santo).

Existe também a dificuldade de separar o que Sócrates realmente disse daquilo que Platão *queria* que ele tivesse dito. Sabe-se que Platão colocou muito de sua filosofia na boca de Sócrates, mas quanto?

Baseei meu perfil de Sócrates nessas duas fontes. Em ambas, porém, pode-se vislumbrar a marca do caráter inconfundível e imprevisível do grande filósofo. Este é o homem imponderável que procurei desvendar.

Todos concordam que Sócrates orgulhava-se de conservar uma certa evanescência tanto em seus argumentos com na própria personalidade. Ele pode ter conseguido se esquivar de nós até hoje.

O legado de Sócrates

A herança de Sócrates é inteiramente ambígua (bem ao seu estilo). Exerceu uma profunda influência sobre Platão e sua filosofia se difundiu até chegar à atualidade. Este antigo legado grego já foi comparado ao alho. Uma vez misturado ao prato é

impossível separá-lo. Basta uma prova e seu antigo sabor grego estará sempre presente.

A dialética de Sócrates revelou-se fulminante. Este método de conversação certamente definiu a forma literária dos fascinantes diálogos de Platão, porém nada que se diga quanto a seu efeito sobre a filosofia é exagerado. O método de Sócrates para analisar um assunto mostra pela primeira vez a importância do uso da razão na filosofia. Ele começava pedindo a seu adversário que definisse o assunto em questão – que podia ser qualquer coisa como a natureza da justiça ou o método para se atingir o posto de general. Fosse de natureza sublime ou ridícula, Sócrates dava sempre o mesmo tratamento ao assunto. Esta era a grande inovação da dialética: uma ferramenta que podia ser aplicada a tudo. Depois de consolidada a definição do assunto, Sócrates passava então a descobrir falhas nele e no decorrer do processo chegava a uma melhor definição. Dessa forma, avançava de exemplos individuais para outros de aplicação mais generalizada, atingindo finalmente a verdade universal.

Essas verdades e o método de Sócrates para alcançá-las foram os precursores da lógica – que seria inventada no século seguinte por Aristóteles, aluno de Platão. Aristóteles também aceitava a Teoria das Formas, embora a tenha modificado de acordo com suas necessidades. Foi Aristóteles quem reacendeu o interesse da filosofia pela realidade, invertendo a direção delineada por Sócrates e Platão. Aristóteles tentou incluir tudo na filosofia – da cosmologia à conquliologia, da ciência ao pecado. Mas no fim seu maior êxito foi o de mapear o território do conhecimento humano. Mais uma vez a teoria era mais importante que o conhecimento prático, que poderia ter sido usado de forma útil. Conseqüentemente, quando os romanos conquistaram a Grécia, a filosofia entrou em declínio. Não tinha qualquer utilidade, e portanto era inútil para os romanos.

Com o colapso do Império Romano seguiram-se a Idade das Trevas e a cultura dominada pela religião da Idade Média. A filosofia permaneceu moribunda: um vazio de abstração, hermeticamente lacrado dentro da ortodoxia religiosa. A energia

mental que criara a mais intrincada e profunda teologia universal que o mundo jamais conhecera, em termos tecnológicos mal tinha condições de fabricar o arnês (cuja mecânica já fora prevista no século III a.C. por Arquimedes). Catedrais góticas erguiam-se em meio a barracos cercados por esgotos correndo a céu aberto e as epidemias eram combatidas com superstição.

Isso não foi culpa de Sócrates, mas a virada que sua filosofia promoveu em nossa maneira de pensar teve papel importante. O conhecimento humano tem um grande débito para com Sócrates. Ele nos mostrou *como* usar a razão mas ao mesmo tempo limitou nossa visão de *onde* usá-la. Como resultado, o conhecimento humano haveria de sofrer uma espécie de torpor intelectual que duraria cerca de 1.800 anos, desde o início da filosofia até os dias de hoje.

Um exemplo desse torpor pode ser encontrado na atitude medieval perante a Peste Negra, a epidemia que riscou da Europa mais da metade de sua população no século XIV. Sabia-se, desde o início, que a Peste Negra era letal e contagiosa. (A doença chegou ao Ocidente depois que cadáveres contaminados foram catapultados para dentro de uma feitoria genovesa situada no Mar Negro.) Ainda assim, esse conhecimento *prático* foi em grande parte ignorado em favor de posturas espirituais. Por quê? Porque a lógica – sucessora da dialética de Sócrates – era habitualmente aplicada a idéias *abstratas* e não a assuntos práticos. Conforme pudemos observar, esse torpor é visível em Sócrates, mas ele não deve ser responsabilizado pelo peso de suas últimas conseqüências (a virtual interrupção do progresso humano). Todos nós cometemos erros, mesmo que sejamos grandes filósofos. Apenas não esperamos vê-los perpetuados por quase dois mil anos.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES ATRIBUÍDAS A SÓCRATES

• • • • •

Uma vez que Sócrates nada deixou por escrito, parece adequado começar com uma citação que explica por que ele assim o fez:

Não sabendo nada, o que poderia eu escrever? Ele explica:

Antigamente havia um deus egípcio chamado Theuth. Ele inventou os números, a geometria, a astronomia, os dados e a escrita. Certo dia, Theuth foi se encontrar com Thamus, rei do Alto Egito, e começou a mostrar-lhe tudo o que tinha inventado. Quando Theuth chegou ao alfabeto, explicou: "Esta é uma invenção que irá ampliar imensamente a sabedoria e a memória de seu povo." O rei, no entanto, replicou: "Ó, inventivo Theuth, seu alfabeto produzirá o efeito exatamente oposto ao que espera. Assim que os egípcios passarem a confiar na sabedoria escrita deixarão de usar a memória, abandonando seus recursos interiores para adotar esses sinais externos."

Platão, *Fédon*, 274, 275

Depois de uma referência à sua mãe, que era parteira, Sócrates explica seu método filosófico comparando-o ao trabalho da mãe:

A arte do parto que pratico é a mesma que a de todas as parteiras, exceto que elas praticam em mulheres enquanto eu o faço em homens. Elas lidam com o corpo, eu lido com a mente... Eu próprio sou vazio de sabedoria e é por isso que o deus Apolo me faz cuidar da sabedoria dos outros e me impede de dar a luz a mim mesmo.

Platão, *Teeteto*, 149a, 150c

Alguns gracejos e anedotas

A vida não examinada não vale a pena ser vivida.

Platão, *Apologia*, 38a

Caro Agaton, esta é uma verdade que você não pode contradizer. Pode facilmente contradizer Sócrates.

Platão, *O banquete*, 201d

Um forasteiro que dizia ser capaz de ler rostos e passava por Atenas, ao se deparar com Sócrates foi logo dizendo que ele era um monstro, que em seu interior abrigava todo tipo de vícios e desejos malignos. Sócrates apenas respondeu: "O senhor me conhece!"

Citado por Nietzsche em *O crepúsculo dos ídolos*,
O problema de Sócrates

Alguém perguntou a Sócrates se deveria casar ou não e recebeu a resposta: "Faça como achar melhor, desde que venha a se arrepender um dia."

Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos ilustres*, II, 3

Sócrates trabalhando

Aristipo, mais uma vez, perguntou a Sócrates se ele conhecia alguma coisa verdadeiramente bela. Ele respondeu:

- Muitas coisas.
- Elas lembram todas umas às outras? – perguntou Aristipo.
- Algumas são completamente diferentes.
- Mas como pode aquilo que é belo ser diferente do que é belo?

Sócrates respondeu:

– Porque um homem que tem o corpo graciosamente esculpido para a luta romana é provavelmente diferente de outro que se dedica a correr. E um escudo que é expressamente fabricado para a defesa é possivelmente diferente de um dardo expressamente fabricado para ser arremessado de maneira veloz e mortal.

Xenofonte, *Memorabilia de Sócrates*, VIII, 4

Sócrates, durante seu julgamento, explica os motivos de sua impopularidade. Ele lembra que o Oráculo de Delfos, que tem a palavra do deus Apolo, o elegera em certa ocasião o mais sábio dos homens:

Quando soube daquilo, perguntei a mim mesmo: o que estaria querendo o deus? Pois sabia que não possuía nenhuma sabedoria. E no entanto sabia também que o deus não mente. Após meditar um pouco sobre isso, decidi verificar se as palavras do deus eram verdadeiras. Se conseguisse ao menos encontrar um homem mais sábio que eu, poderia então refutar o deus. Assim, procurei alguém que tinha a reputação de sábio. Não é necessário mencionar seu nome. Ele era um político e o resultado de nosso encontro foi o seguinte: logo que comecei a conversar com ele não pude parar de pensar que na verdade aquele homem nada tinha de sábio, embora fosse assim considerado por muitos e mais ainda por si mesmo. Em razão disso procurei explicar-lhe que ele apenas pensava que era sábio, mas na verdade não possuía sabedoria alguma. Como resultado ele me odiou e essa inimizade foi partilhada por diversas pessoas que estavam presentes e ouviram o que eu disse. Retirei-me, então, pensando comigo mesmo: bem, embora acredite que nenhum de nós conhece algo realmente belo e bom, sou muito melhor que ele porque ele não sabe nada e pensa que sabe alguma coisa. Eu não sei e nem penso que sei alguma coisa. Parece que *tenho* uma ligeira vantagem sobre ele. Depois fui até outro que tinha pretensões ainda mais altas de sabedoria e concluí exatamente a mesma coisa. Conseqüentemente, fiz mais um inimigo.

Sócrates, em sua cela de morte, na manhã do dia de sua execução fala a seus amigos sobre a alma, a verdade e a sabedoria imortal:

Parece haver um caminho estreito que nos leva a salvo até o final de nossa jornada, tendo a razão como nosso guia. Enquanto possuímos um corpo e este mal puder misturar-se à nossa alma, jamais teremos por completo o que desejamos, isto é, a verdade. Pois o corpo está sempre roubando nosso tempo com suas exigências. Sempre que adoece nos interrompe em nossa busca do ser verdadeiro. Ele nos provoca paixões, desejos, medos e todo tipo de ilusões e tolices. Está sempre nos impedindo de pensar corretamente. O corpo isoladamente, com seus desejos, é o causador das guerras e da dissensão social, já que a origem de toda guerra é o desejo de riqueza e opulência, e temos o impulso de buscá-las porque somos escravizados pelos desejos do corpo. Por tudo isso nunca temos tempo disponível para a filosofia. Mesmo se encontramos um jeito de ficarmos livres do corpo por algum tempo, e tentarmos examinar um determinado assunto, ele nos atrapalha a cada passo de nossa investigação provocando confusão, desordem e pânico, de forma que não conseguimos perceber a verdade para o corpo. Aprendemos, com certeza, que para chegarmos a ter qualquer conhecimento puro devemos estar livres do corpo. A alma separada pode ver as coisas como elas realmente são. Parece que somente após a morte podemos adquirir a sabedoria que desejamos e pela qual declaramos ter paixão. Isso porém não pode acontecer enquanto estamos vivos, como mostra meu argumento. Pois se é impossível obter o puro conhecimento enquanto tivermos um corpo, uma das duas hipóteses deve ser verdadeira: jamais chegaremos a obter o puro conhecimento ou só poderemos obtê-lo após a morte. Pois então, e somente então, a alma existirá livre, separada do corpo. Enquanto vivermos, poderemos chegar mais próximos do verdadeiro conhecimento se não fizermos uso ou tivermos

comunhão com o corpo além do que for absolutamente necessário, e se não formos corrompidos por sua natureza. Devemos procurar viver puros de corpo até que Deus nos liberte. Quando formos assim puros e livres da insensatez e dos desatinos do corpo habitaremos, acredito, com outros puros como nós e conheceremos em nós tudo o que for puro.

Platão, *Fédon*

Chegou a hora de seguirmos por caminhos diferentes: eu, o da morte, vocês, o da vida. Qual deles é o melhor somente Deus sabe.

Platão, *Apologia*, 42a

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

• • • • •

- séc. VI a.C.* Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
- fim do séc. VI a.C.* Morte de Pitágoras.
- 399 a.C.* Sócrates condenado à morte em Atenas.
- c.387 a.C.* Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
- 335 a.C.* Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
- 324 d.C.* O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
- 400 d.C.* Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
- 410 d.C.* Roma é saqueada pelos visigodos.
- 529 d.C.* O fechamento da Academia em Atenas pelo imperador Justiniano marca o fim da era greco-romana e o início da Idade das Trevas.
- meados do séc. XIII* Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
- 1453* Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.

- 1492 Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
- 1543 Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre a revolução dos orbes celestes*), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
- 1633 Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.
- 1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.
- 1677 A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética*.
- 1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.
- 1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
- 1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.
- 1716 Morte de Leibniz.
- 1739-40 Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
- 1781 Kant, despertado de seu "sonho dogmático" por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.
- 1807 Hegel publica a *Fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
- 1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.
- 1889 Nietzsche, após declarar que "Deus está morto", sucumbe à loucura em Turim.

- 1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a "solução final" para os problemas da filosofia.
- década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
- 1927 Heidegger publica *Sein und Zeit (Ser e tempo)*, anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.
- 1943 Sartre publica *L'être et le néant (O ser e o nada)*, dando continuidade ao pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.
- 1953 Publicação póstuma das *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

CRONOLOGIA DA VIDA DE SÓCRATES

• • • • •

- 469 a.C.* Nascimento de Sócrates nas cercanias de Atenas.
- antes de 440 a.C.* O Oráculo de Delfos aponta Sócrates como "o mais sábio dos homens".
- cerca de 430 a.C.* Sócrates serve no exército como hoplita (soldado raso) na Guerra da Peloponésia e salva a vida de Alcibíades na batalha de Potidéia.
- 423 a.C.* Sócrates é parodiado em comédia por Aristófanes.
- cerca de 420 a.C.* Casa-se com Xantipa. Na década seguinte tiveram três filhos.
- 406-5 a.C.* Participa como membro do conselho legislativo (Boule).
- 404 a.C.* Recusa-se a cumprir as ordens dos Trinta Tiranos de prender Leão.
- 399 a.C.* Condenado por heresia e corrupção da juventude. Julgamento de Sócrates em que ele é sentenciado à morte. Ingere o veneno da cicuta e morre.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA DE SÓCRATES

.....

- cerca de 460 a.C.* Ésquilo, primeiro autor clássico da dramaturgia trágica, em seu auge.
- 460 a.C.* Eclosão da primeira Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta. Nascimento de Hipócrates, o tradicional fundador da medicina, na ilha de Cós.
- 445 a.C.* Fim da primeira Guerra do Peloponeso.
- meados da década de 440 a.C.* Início da Era de Ouro ateniense sob a liderança de Péricles. Durante esse período a cultura em Atenas atinge seu apogeu.
- 447 a.C.* Início da construção do Partenon na Acrópoles de Atenas.
- 441-40 a.C.* A revolta de Samos quebra a paz no Egeu.
- 431 a.C.* Eclosão da segunda (Grande) Guerra do Peloponeso entre Esparta e Atenas.
- 429 a.C.* Morte de Péricles.
- 428 a.C.* Morte de Anaxágoras, primeiro filósofo ateniense, mestre de Sócrates e Péricles.
- 415 a.C.* Atenas envia grande expedição para conquistar a Sicília, que termina em desastre.
- 404 a.C.* A segunda Guerra do Peloponeso termina em derrota humilhante para Atenas. Os Trinta Tiranos assumem o poder em Atenas.

403 a.C.

Os Trinta Tiranos são depostos e a democracia restaurada.

400 a.C.

Reforma legislativa e anistia geral (que um ano depois não seria aplicada a Sócrates).

LEITURAS SUGERIDAS



Hugh H. Benson, *Essays on the Philosophy of Socrates* (Oxford University Press, 1992)

Thomas C. Brickhouse e Nicholas D. Smith, *Plato's Socrates* (Oxford University Press, 1993)

Scott Buchanan (org.), *The Portable Plato* (Viking, 1977)

William K. Guthrie, *Socrates* (Cambridge University Press, 1977)

Paul A. Vander Waerdt (org.), *The Socratic Movement* (Cornell University Press, 1994)

ÍNDICE REMISSIVO

.....

Ágora, 1,2
Alcibíades, 1, 2, 3
Anaxágoras, 1, 2, 3, 4
Anito, 1, 2
Antífon, o sofista, 1
Aristóteles, 1, 2, 3, 4
Arquelau, 1, 2
Arquimedes, 1, 2
Atenas, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Crítias, 1, 2
Críton, 1, 2, 3

Demócrito, 1, 2
dialética, 1, 2
Diógenes Laércio, 1, 2, 3

Esparta, 1, 2
Euclides, 1

Fídias, 1

Hipócrates, 1

Leão, 1, 2
Lisandro, 1

Meleto, 1, 2

Nietzsche, Friedrich (*O crepúsculo dos ídolos*), 1

Oráculo de Delfos, 1, 2, 3, 4, 5

Parmênides de Eléia, 1, 2, 3

Peloponeso, Guerra do, 1, 2, 3

Péricles, 1, 2

Pitágoras, 1, 2

Platão, 1, 2; *Apologia*, 3, 4; *Fédon*, 5, 6, 7, 8; *A República*, 9; *O banquete*, 10; *Teeteto*, 11

pré-socráticos, 1

Simão, o sapateiro, 1

Tales de Mileto, 1, 2, 3

teoria das formas, 1

Trinta Tiranos, Os, 1, 2, 3

Xantipa, 1, 2, 3, 4

Xenofonte: *Memorabilia*, 1, 2, 3;

Oeconomicus, 1

SOBRE O AUTOR

• • • • •

PAUL STRATHERN foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries “Filósofos em 90 minutos”, traduzida em mais de oito países, e a mais recente “Cientistas em 90 minutos”. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *freelance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

CIENTISTAS

em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos

Borh e a teoria quântica em 90 minutos

Crick, Watson e o DNA em 90 minutos

Curie e a radioatividade em 90 minutos

Darwin e a evolução em 90 minutos

Einstein e a relatividade em 90 minutos

Galileu e o sistema solar em 90 minutos

Hawking e os buracos negros em 90 minutos

Newton e a gravidade em 90 minutos

Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos

Pitágoras e seu teorema em 90 minutos

Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Socrates in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 1997 por Ivan R. Dee, de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 1998:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Ilustração: Lula

ISBN: 978-85-378-0542-8

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
